

Noticias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO — Armando Rocha Cruz

DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA

TIPOGRAFIA SOCORRO

FÁBRICA DE CARIMBOS

são as oficinas gráficas que V. Ex.ª deve preferir para a confecção dos seus impressos e carimbos

Telefone 59 Apartado 3 VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

AVENÇA

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO - RUA PINHEIRO CHAGAS, 24 - TELEFONE 59 VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

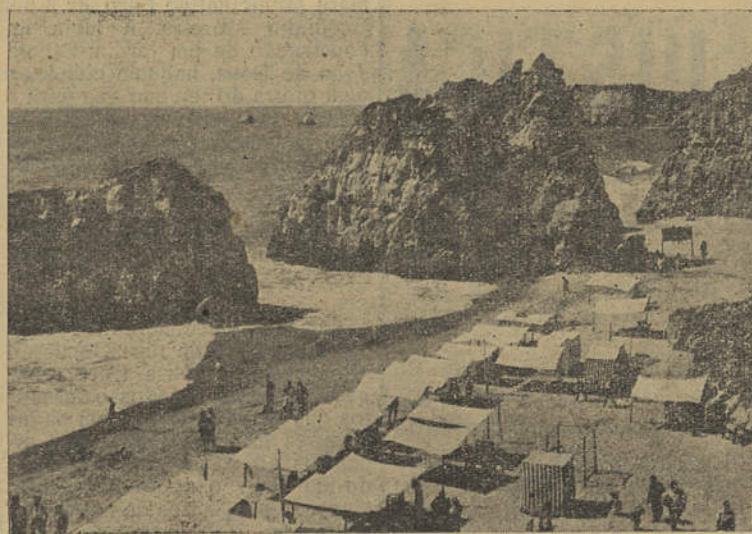
ANO IV — N.º 198 — Domingo, 24 de Março de 1957

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO - TIPOGRAFIA SOCORRO VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

OUVINDO FALAR DE PORTUGAL

PORTUGAL e o Brasil são duas raízes da mesma árvore; são pólen da mesma flor. Digamos, melhor, mesmo em estilo vulgarizado: Portugal e Brasil são duas nações irmãs, ligadas por uma substância comum. Até que ponto isto é verdade, poderemos nós, entre muitas outras personalidades, afirmar com exactidão; até que ponto o Brasil é irmão de Portugal, poderemos nós exaltar, através de um trabalho jornalístico e aqui e além também diplomático, tanto em Portugal como no Brasil, no Rio ou em S. Paulo, no Recife ou em Minas Gerais. É verdade que as palavras se podem utilizar como se entender; é verdade que, aqui e além, se tem falado demasiado, em lugar de agir não tão demasiado, mas mais realisticamente. Mas o jornalista poderá dizer (e aqui talvez melhor do que ninguém, perdê-se-lhe a vaidade ou orgulho profissional), quanto conhece o valor da amizade brasileira, quanto ela se tem imposto, de ano para ano, no conceito dos demais povos, nos actos mais sérios da vida da Nação Portuguesa. Por isso, a anunciada visita do presidente da República Portuguesa ao Brasil, depois das visitas dos presidentes Café Filho e Juscelino Kubitschek de Oliveira, traduzirá o fulcro de uma política, a expressão de uma obra, o reflexo de uma orientação nacional.

Trata-se de um presidente da República Portuguesa, e isto será o bastante. Trata-se de um Supremo Magistrado da Nação Portuguesa — e isso reflectirá quanto Portugal e Brasil estão ligados, a despeito de sistemas políticos diferentes, que não importam ao valor real de uma amizade, hoje já não traduzida só em palavras, mas em actos múltiplos políticos, (CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)



Os problemas da nossa Província

ALGARVE MARAVILHOSO?

POR toda a parte deste «idente Algarve, impressionista e mole», como cantava João Lúcio, onde as filhas de Agar deixaram o sortilégio dos seus olhos profundos e a poesia das suas lendas, e onde o campo,

jardim de todas as cores, cortado por múltiplas casas alvinitentes, se espelha no mar, de ondinas acariciantes como braços de madonas — o insaciável turista encontrará recantos de inusitada beleza. Se o seu espírito propender para as coisas românticas da vida, arruma o carro sob um alpendre de ramaria, embrenha-se pelos zigzagueantes «portos», ganha socacos e, no remanso das manhãs de primavera seródia, abarca com a vista a bacanal de (CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

GOVERNADOR CIVIL DE FARO

A CERIMÓNIA da investidura do sr. dr. António Baptista da Silva Coelho nas funções de governador civil do Algarve, que se realizou no passado domingo, em Faro, constituiu uma expressiva manifestação de como foi calorosamente recebida nesta Província a nomeação daquele ilustre professor e dedicado nacionalista para a chefia do distrito. Com a sala nobre do Governo Civil repleta de representantes de todos os concelhos do Algarve, das autoridades locais e distritais e do sr. D. frei Francisco Rendeiro, venerando bispo da diocese, e depois do sr. dr. Manuel José da Fonseca, secretário-geral do Governo Civil, ter lido o respectivo auto da investidura, iniciou a série de discursos o sr. dr. José Ascenso, governador civil substituto, que salientou as brilhantes qualidades pessoais do sr. dr. Baptista Coelho, os seus primorosos dotes de carácter, superior inteligência e invulgares qualidades de trabalho, que o guindaram, muito justamente, a uma privilegiada situação de prestígio. Salientou que, tratando-se de um algarvio

devotado amigo da sua Província, a que já prestou, noutros cargos, relevantes serviços, era lícito esperar que, no desempenho do seu actual cargo, novos e mais notáveis serviços o Algarve lhe fique a dever, pelo que estava certo de que nunca lhe faltaria o apoio leal e desinteressado de to- (CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)



apresenta
UMA CRÓNICA
por semana

TODA a Imprensa regionalista portuguesa deveria transcrever, em lugar de destaque as lúcidas e desassombradas palavras do grande jornalista que é Eugénio de Vasconcelos, publicadas recentemente nas colunas de «Brados do Alentejo». Na verdade, a Imprensa regionalista honrada e consciente das suas obrigações, é olhada com desprezo por muita gente — a comear por algumas entidades oficiais, que são, precisamente, quem mais precisa dela e quem

ACERCA DE UMA PALESTRA DO SR. ANTERO NOBRE

A CÉSAR O QUE É DE CÉSAR

Pelo ENG. SILVA GARVALHO

CONFORME prometido, venho hoje pôr algumas coisas no seu devido lugar, dando a público uma modesta achega para destruir as lendas que o elogio mútuo vem tecendo em volta da fundação da segunda Casa do Algarve.

Infelizmente (a palestra do sr. Antero Nobre o prova), quanto mais papel se gasta, mais a verdade se vai desvirtuando e mais longe estamos daquela justiça que o grupo conduzido por Luís Bonifácio merece, como grupo de base de tudo quanto aí está feito.

Talvez me atirem em cara que esse grupo não necessita de advogado; talvez venham com o ar-

gumento de que tanta discussão prejudica o movimento regionalista. Mas eu contraponho: O grupo, constituído todo de pessoas modestas, sofre em silêncio o ostracismo a que foi votado, e... quanto à discussão, sempre ouvi dizer que dela nasce a luz — a luz da verdade, e não essa luz, metamorfoseada em cinza, que o sr. Antero Nobre nos impingiu, muito convencido de acomodar toda a gente, tremendo de medo, dentro das suas concepções artificiosas.

Portanto... para a frente é que é Lisboa!

A fundação duma segunda Casa do Algarve foi, durante muitos anos, um simples motivo de prosa, e parecia impraticável aos olhos daqueles que tinham privado no ambiente da primeira Casa. Daí o insucesso de Luís Bonifácio, quando ele, em 1943, esboçou na Imprensa uma tentativa para dar realidade ao seu sonho. Nessa altura, a iniciativa morreu logo à nascença, até porque havia a convicção de que as Casas regionais não podiam manter a sua «simples objectividade recreativa» visto o programa delas estar, em parte, abrangido no programa das Juntas de Província.

Nestas águas navegava o sr. major Mateus Moreno. Para tanto, consulte-se «O Povo Algarvio», de 2 de Maio de 1945, no qual número o actual presidente da Casa do Algarve afirma:

«A finalidade da Casa do Algarve de 1943, como de resto a dos vários grêmios regionais que actualmente existem em Lisboa, já não é a mesma de 1930...»

Mas nem por isso deixa de considerar ainda muito útil a existência de tais grêmios, mesmo fora da sua simples objectividade recreativa».

É verdade que o sr. major Mateus Moreno considerava a iniciativa muito útil. Porém, muito menos útil que a iniciativa de 1930, e essa (era do conhecimento de toda a gente) tinha resultado em malogro completo, tinha sido lançada em pura perda.

Em resumo, salvo para Luís Bonifácio, a fundação da Casa do Algarve não era coisa que valesse a pena intentar-se, no ano da graça de 1945. E após isto passaram-se dois anos...

Aí por alturas de 1945, Joaquim

António Nunes e Jerónimo Marcos moravam na mesma rua. Encontravam-se, portanto, muitas vezes, e como eram saudosistas do seu Algarve, o cavaco fortuito incidia, invariavelmente, acerca de coisas da província.

Uma noite, Nunes parou à porta da sua casa, em conversa com o vizinho, e confidenciou-lhe o seu desejo de fundar um clube regionalista; uma coisa diferente da defunta Casa do Algarve; um organismo isento dos pecados antigos e irresponsáveis das dividas, também antigas, que pudessem aparecer.

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)



BULGANINE

«VEDETAS» DA ACTUALIDADE

BULGANINE & KRUCHTCHEV

KRUCHTCHEV e Bulganine constituem uma parca política e espectacular que se tornou famosa no mundo inteiro pelas extraordinárias e desconcertantes comédias que têm sabido representar, com acentuado sentido histriónico e exibicionista, tendente a arregimentar simpatias e camuflar realidades e até — porque não dizê-lo? — a diligenciar chamar a si um prestígio de autoridade e poderio que possa intimidar e force a

Conta Gotas

Por D. MARIA MANUELA NUNES

Carta da Primavera

Querida amiga

É verdade que a minha visita começa, oficialmente, no dia 21. No entanto, para algumas pessoas da minha intimidade, ela começou já. E que boas recordações guardo do nosso primeiro encontro, este ano! Tu passeavas no campo, alheia, como sempre. «Em que negócios pensará ela?», del por mim a perguntar-me. «Será que nem se lembra de mim? Que não me conhece? Nem, ao menos, de nome?» Então, para tirar as dividas, servi-me de um banal expediente — banal, mas que dá sempre resultado: passei por ti e deixei cair uma florinha no chão... Era uma pobre flor azul, que só uns olhos amorosos podiam descobrir no grande açafate de verdura. Vi, com prazer, que te baixaras, que a colhias, que lhe afagavas as pétalas quase invisíveis... Amiga, portanto. O que conversámos ambas, lembra-te? As palavras que tu disseste ouço-as eu nos lábios de outros amigos, há milhares de anos. O fulgor dos teus olhos conheço-o eu também de o ver em bilões de seres humanos que, até hoje, me deram o calor da sua amizade. Os pen- (CONCLUÍ NA 2.ª PAGINA)

ATENÇÃO AO ENSINO PRIMÁRIO

O PROBLEMA DA SUA EXTINÇÃO

PELO DR. VICTOR DE SÁ

VIMOS no artigo anterior que, se a triade do nosso ensino primário elementar — ler e escrever e contar — bastava para satisfazer as exigências da re-

forma pombalina, ou mesmo da Revolução liberal, quando esta se debatia ainda nos quadros duma economia estritamente agrária — vai há mais de cem anos — as exigências do nosso século, altamente industrializado, implicam a organização dum ensino que se deve considerar de base para a totalidade dum povo. A totalidade dum povo — isso mesmo foi já outra implicação do desenvolvimento industrial dos tempos modernos.

Se outrora uma nação se personificava num rei ou numas tantas famílias fidalgas (expressão política dum monopólio económico)

e o destino dos seus súbditos, agora os súbditos transformaram-se em cidadãos, e isso foi possível porque o industrialismo revolucionou a feição social dos povos.

Com efeito, a multiplicidade quase infinita que a máquina veio trazer à produção obriga os agentes produtores a uma busca afanosa de mercados para colocação dos seus produtos. O industrialismo não pode respeitar as barreiras que estruturam uma sociedade dividida em diferentes camadas, de possidentes e de proletários. O industrialismo produz muito mais do que aquilo que as classes possidentes consomem, exige que também as camadas proletárias consumam, para que a produção industrial seja absorvida. Neste apelo intenso, dramático, incessante, a todo o poder de compra, as diferenças sociais clássicas des-

relaxam. Quem não pagou em Janeiro a primeira prestação da contribuição industrial e do imposto profissional deve pagá-las sem falta até ao fim do corrente mês, já com juros de móra, para evitar o relaxe. (CONCLUÍ NA 3.ª PAGINA)

relaxam. Quem não pagou em Janeiro a primeira prestação da contribuição industrial e do imposto profissional deve pagá-las sem falta até ao fim do corrente mês, já com juros de móra, para evitar o relaxe. (CONCLUÍ NA 3.ª PAGINA)

relaxam. Quem não pagou em Janeiro a primeira prestação da contribuição industrial e do imposto profissional deve pagá-las sem falta até ao fim do corrente mês, já com juros de móra, para evitar o relaxe. (CONCLUÍ NA 3.ª PAGINA)

relaxam. Quem não pagou em Janeiro a primeira prestação da contribuição industrial e do imposto profissional deve pagá-las sem falta até ao fim do corrente mês, já com juros de móra, para evitar o relaxe. (CONCLUÍ NA 3.ª PAGINA)

relaxam. Quem não pagou em Janeiro a primeira prestação da contribuição industrial e do imposto profissional deve pagá-las sem falta até ao fim do corrente mês, já com juros de móra, para evitar o relaxe. (CONCLUÍ NA 3.ª PAGINA)

relaxam. Quem não pagou em Janeiro a primeira prestação da contribuição industrial e do imposto profissional deve pagá-las sem falta até ao fim do corrente mês, já com juros de móra, para evitar o relaxe. (CONCLUÍ NA 3.ª PAGINA)

relaxam. Quem não pagou em Janeiro a primeira prestação da contribuição industrial e do imposto profissional deve pagá-las sem falta até ao fim do corrente mês, já com juros de móra, para evitar o relaxe. (CONCLUÍ NA 3.ª PAGINA)

aceitação das suas vontades.

Após a morte de Estaline, quebrou-se na URSS o misticismo e o culto da personalidade que, mantinha o ditador, e a directriz que este impusera perdeu a continuidade. Na auréola que cingia o senhor eslavo residia o segredo de conter em respeito os vilões do templo. Com o desaparecimento do chefe todo poderoso e indiscutível, a matilha esfaimada precipitou-se numa corrida desenfreada, onde cada participante se empenhou em eliminar arditamente os adversários, na ansia de ocupar os me- (CONCLUÍ NA 3.ª PAGINA)

COMPARTICIPAÇÕES

para o Algarve

O sr. ministro das Obras Públicas concedeu, pelo Fundo do Desemprego, as seguintes participações para obras de saneamento e abastecimento de água no Algarve:

As Câmaras Municipais de: Faro, para assentamento de colectores na Avenida da República, reforço, 50.000\$00; Lagoa, para abastecimento de água à vila e a várias povoações do concelho, reforço, 75.000\$00; Loulé, para abastecimento de água à vila, reforço, 55.000\$00; Olhão, para a construção da rede de esgotos da zona vizinha da doca — Secção II — reforço, 25.000\$00; e S. Brás de Alportel, reforço, 27.800\$,

Notícias PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Na sua residência, em Castro Marim, está passando uma temporada o nosso estimado amigo e assinante sr. António Cordeiro Marques da Costa, abastado proprietário e digno provedor da Misericórdia local.

A fim de tratar de assuntos de interesse para a Santa Casa da Misericórdia de Tavira, de que é dedicado provedor, foi a Lisboa, com pouca demora, o sr. comandante José Henriques de Brito, capitão dos Portos de Faro, Tavira e Vila Real de Santo António.

Tivemos o prazer de cumprimentar na nossa Redacção o nosso prezado amigo e assinante sr. Júlio Padesca, residente em Lisboa.

Esteve em Lisboa, com pouca demora, tendo já regressado a esta vila, o nosso prezado amigo e assinante sr. José Dominguez Vieira Velasco, conceituado comerciante e industrial, na nossa praça.

De visita a sua família, esteve em Portimão, tendo já regressado a esta vila, a menina Maria Antónia dos Santos, filha do nosso prezado assinante sr. José Pedro dos Santos.

Esteve nesta vila, com pouca demora, o nosso prezado assinante e amigo sr. António Rosa Mendes, gerente da Mosgem de Caceia, Lda., residente em Vila Nova de Caceia.

Regressou de Lisboa a sr.^a D. Ana Jesus Reis, filha do nosso assinante sr. Manuel António dos Reis.

Nascimento

No passado dia 18 do corrente, deu à luz, na sua residência, uma criança do sexo masculino a sr.^a D. Idalina Gomes Sequeira Bento, esposa do sr. Mário Martins Bento, nosso prezado assinante. Mãe e filho, encontram-se bem.

EM PROL dos BOMBEIROS

Em seguimento ao alvitre feito oportunamente nas colunas do nosso jornal, recebemos uma carta do Sindicato Nacional dos Operários da Indústria de Conservas, com secção nesta vila, anuindo ao nosso apelo para que se desconte uma hora de trabalho, com a remuneração destinada em prol do Fundo para a construção do Quartel dos Bombeiros Voluntários desta vila.

A seguir transcrevemos a carta recebida do sindicato:

Ex.^{mo} Sr.
Director do Jornal «Notícias do Algarve»
Vila Real de Santo António

Ex.^{mo} Senhor:

Com referência ao apelo feito pelo jornal de que V. Ex.^a é meu digno Director, para que o pessoal da indústria de conservas de peixe concorra com a remuneração de uma hora-trabalho para auxiliar a edificação do Quartel-Sede dos Bombeiros Voluntários da nossa terra, venho comunicar a V. Ex.^a que a ideia mereceu o mais franco acolhimento da Comissão Administrativa deste Sindicato, motivo porque tenho a honra de informar estarem os dirigentes deste organismo interessados em obter a cooperação voluntária do pessoal que, segundo se julga, não negará a sua participação no movimento em curso de auxílio a uma Causa tão nobre como é a missão dos Bombeiros.

Com os meus cumprimentos, creia-me,

de V. Ex.^a
Atenciosamente
Vila Real de Santo António, 16 de Março de 1937.
Pela Comissão Administrativa,
O Presidente,
Daniel do Carmo Martins

ACÇÕES

De «A Electro Fabril», compra-se qualquer quantidade, pagando-se ao melhor preço.

Resposta:
Apartado n.º 13 - FARO

CONTA GOTAS

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

samentos que exprimiste eram sem nenhuma originalidade e todas as línguas do mundo os exprimiram já. Mas devo dizer-te que tudo isto que os anos e os séculos repetem quando chego — os gestos, as palavras, os pensamentos — o recebi eu de ti como uma graça divina. Com o encantamento que tei, para um coração enamorado, a banalidade da primeira carta de amor...

Tens razão, Manuela. Venho, este ano, sob o signo da Esperança. Esperança de que o mundo resolva, pacificamente, as suas controvérsias. E natural que as nações discutam. Claro. Até os membros da mesma família discutem. Mas não é natural que recorram à violência para impor os seus pontos de vista. Todos os povos amam a paz — e amam-na porque ela é essencial. A guerra vai-se tornando, cada vez mais, um negócio pouco rendoso e pouco viável, por falta de compradores. Cada um de nós tem motivos especiais, pessoais, para amar a paz. Tu, és as crianças, os teus livros, os teus poemas, todos os homens que andam a lume de água, como dizia a avó Ana, quando oferecia o terço, recordas-te? Eu, és as minhas flores. Vou dizer-te uns versos, que ouvi a um poeta meu conhecido:

Paz não a paz abstracta para seres abstractos para coisas abstractas lugares abstractos.
Paz, amiga, para o filho que o teu ventre péta-la a péta-la cria.
Paz para o teu homem teu braço e teu ganha-pão.
Paz para a tua casa que em cada hora alindas.

Não uma paz abstracta para seres abstractos lugares abstractos.

Paz amassada em pão e em luz
Paz, amiga,
com o teu nome escrito.

Aqui está um bom exemplo de boa vizinhança: tu gostas de versos, eu gosto de flores; mas tu, chegada a altura, colhes miosótis — e eu, influenciada por ti, confesso, e para te agradar — colho versos. Tenhamos esperança de que as nações acabem por seguir o nosso exemplo.

Tua amiga do coração
Primavera de 1937

Inquérito Relâmpago

A algumas meninas e rapaziños do meu conhecimento, cujas idades oscilam entre os dez e doze anos, colloquei as seguintes perguntas:

1 — Porque gostas (ou não gostas) da Primavera?
2 — Que gostaria mais de que lhe acontecesse nestes próximos três meses?

Tirei ao acaso algumas respostas, para mostrar aos amigos leitores desta secção. Aí vão. E estou certa que o sorriso vai alternar com a meditação.

Do F. — 1) Gosto da primavera porque na primavera a vista da minha janela é muito bonita; 2) Queria que terminasse este barulho a respeito do petróleo, porque o meu pai anda num petroleiro.

Da M. E. — Esta primavera não me val dar nenhum praser. Na minha casa havia um ninho de andorinha. Fizeram obras e deitaram o ninho abaixo. Quando a andorinha vier, vai ficar desapontada. Resta-me a consolidação de que os operários não fizeram de propósito e que eu não tive a culpa; 2) Gostava que o meu patinho viesse do Canadá.

Do A. F. — 1) Gosto da primavera por causa das flores. Isto é a sério; 2) Queria que não houvesse guerras nunca mais. Isto de guerras só serve para morrer gente.

Do V. M. — 1) Gosto da primavera para ir com a minha mãe apanhar acácias; 2) Queria uns livros de «Pif, le chien». Já sei bastante francês.

Do J. — 1) Gosto da primavera porque não gosto do inverno. No inverno ando sempre constipado; 2) Gostava de ter uns patins.

Do M. M. — 1) Gosto da primavera porque no verão vou para fora; 2) Queria não dar erros em Português. E é pena, porque nas outras vou bem.

Da M. M. — Gosto da primavera porque na primavera tudo sorri; 2) Queria que o meu pai e a minha mãe se dessem bem.

Do F. — 1) Nunca pensei nisso; 2) Queria arranjar selos para completar a minha série ultramarina.

Do M. L. — 1) A primavera é

PROVINCIA

TAVIRA

Engenheiro Couto dos Santos

Encontra-se em visita de recreio ao Algarve, acompanhado de sua esposa, o sr. eng.º Couto dos Santos, correio-mor de Portugal. O illustre viajante está em Tavira há cerca de 8 dias, mostrando-se encantado com o belo clima primaveril de que disfruta o nosso concelho.

Subsídios de Invalidez

Foram atribuídas às Casas do Povo, para concessão de subsídios de invalidez e outros fins de assistência, do concelho de Tavira:

Conceição, 15.300\$; Luz, 20.640\$; Santa Catarina, 10.200\$; e Santo Estêvão, 6.840\$.

Azeite sem óleo

Foi decretado que a partir do dia 15 de Março o azeite vender-se-á sem óleo, mas até 14 de Abril os comerciantes podem vender os saldos de mistura. Nesta cidade, ainda não apareceu azeite sem óleo, continuando a ser vendido somente com mistura. Aguardemos o 14 de Abril.

As batatas

Este precioso tubérculo, que se

costuma vender há muito tempo em Tavira a 1\$80, segundo lemos nos jornais diários, no Norte do País encontra-se em tal quantidade que ninguém o compra, fazendo a ruína do lavrador, se não se tomarem providências, pois os poucos que o procuram oferecem a 70 e 80 cada quilo, o que não compensa o produtor. Há dias, ouvimos um comerciante oferecer a um produtor 14\$00 por cada arroba de batatas e certamente que foram vendidas depois a 1\$80 o quilo. Que tal o lucro auferido? E ninguém se incomoda com esta especulação que se está a fazer no Concelho.

Outras especulações

Todos têm o direito de viver, mas por meios honestos. O que se passa com as laranjas, limões, ervilhas e favas, toca a raia do desastro. O concelho de Tavira, grande centro produtor destes artigos, nem sempre tem o mercado abastecido para consumo público dos mesmos. E porquê? Porque cada vez há mais exportadores, que, numa louca aposta de quem paga mais, compram tudo e por todo o preço. De maneira que o que não presta vai para o mercado. Também estranhamos que não haja quem ponha cobro a isto. — C.

RAZÃO E JUSTIÇA

TÍNHAMOS razão. Não tardou, por isso, que nos fosse feita justiça.

♦♦ A Assembleia Geral das Nações Unidas, ao considerar os direitos incontestáveis da nossa soberania e atendendo os argumentos convincentes que foram aduzidos não só pelo Governo português mas também pelos representantes de outras grandes nações da Europa e do Mundo, rejeitou a deliberação, tão inconsistente ela era, da Comissão de Curadorias que, contra a evidência da nossa clara posição, atantara também contra os nossos direitos e a própria força das nossas tradições civilizadoras no mundo.

As arremetidas cegas, os ódios sistemáticos, as coibiças desenfreadas, a aversão à nossa permanente atitude de puro ocidentalismo cristão, tudo isso nada pode contra o prestígio de Portugal e contra a verdade da nossa vida política.

A estrutura da Nação portuguesa e a definição estadual que temos no texto e no espírito da Constituição, não deviam permitir dúvidas ou confusões quanto ao modo como administramos e mantemos integrados no sistema da nossa soberania os territórios e as populações das províncias do Ultramar.

Mais até do que a definição legal dos textos constitucionais pode esclarecer, na matéria, a tradição portuguesa dos descobrimentos e conquistas que nós séculos passados gravaram o nome português pelas cinco partes do Mundo.

Essa tradição é a de um Povo que levou a todos os cantos do Mundo a Fé de Cristo, o esplendor de uma Civilização, a beleza de um Apostolado, a irradiante força de uma Cultura. Nunca pretendemos tirar o essencial proveito material de uma ocupação, antes

a estação mais bonita e eu gosto de tudo o que é bonito; 2) Queria que a primavera desse uma flor que as pessoas cheirassem e ficassem todas amigas umas das outras. Só isto.

Da M. da N. — 1) Não gosto da primavera. A minha mãezinha está doente e ela diz que na primavera é mau, que piora sempre; 2) Queria que a minha mãe ficasse boazinha. Também queria um «ring».

María Manuela Nunes

nos limitámos sempre em interesses dessa ordem e os trocámos até pelo simples orgulho de proclamar o primado da nossa afirmação de soberania espiritual.

Por isso as parcelas de Portugal, espalhadas pelo Mundo, somam a unidade de uma grande Nação, integram-se na identidade de processos administrativos e na igualdade de aspirações. Não conhecemos distinções de raças ou de religiões para o efeito de atribuímos direitos diferentes. O português de Timor ou de Goa, de Angola ou Moçambique, é igual em direitos ao português do Minho ou do Algarve.

O Estado tem em si mesmo, na alta zona do seu Governo Central, a força propulsora de toda a administração pública e reserva-se a definição de soluções para os mais importantes assuntos e interesses do todo nacional.

Como muito bem disse na Assembleia Nacional o deputado sr. dr. Aguedo de Oliveira, «quando Portugal se arremessou ao ignoto e dotou o mundo com novas rotas e novos mares, já o Estado estava construído unitariamente.

Nós não temos povos: temos, sim, o povo português.

Em vez de raças, étnica ou psicologicamente diferenciadas, temos o que os escritores chamam uma raça histórica que encheu brilhantemente os fastos mundiais.

Esta é a verdade do Caso Português. Tudo o que seja dito em contrário não passa de uma intencional deturpação da nossa realidade histórica, da magnífica lição do nosso Passado e também da inflexível afirmação do nosso Presente.

Afinal, esta tese, de Verdade e Justiça, acabou por ser proclamada pela própria Assembleia Geral das Nações Unidas.

Afinal venceu Portugal. E venceu porque do seu lado estavam a Razão e a Justiça.

Anuncie neste jornal de grande expansão em todo o país.

ACTIVIDADES da CASA DO ALGARVE

A Direcção da «Casa do Algarve» deliberou, na última reunião:

Incumbir as suas Comissões Cultural e de Turismo e Propaganda do estudo dos elementos com que o Algarve poderá fazer-se representar no «Museu da Huila», recentemente criado em Sá da Bandeira (Angola), pelo sr. ministro do Ultramar, tendo em especial consideração o facto de se tratar da província metropolitana que maior número de descendentes conta em todo o vasto Sul de Angola.

Transferir para 31 do corrente, às 15 horas, o almoço de confraternização algarvia dedicado aos reorganizadores da colectividade, em 1946, e de que serão convidados de honra os componentes da respectiva comissão executiva, srs. dr. Amadeu Ferreira de Almeida (presidente), dr. José Aboim de Ascensão Conreiras (vice-presidente); dr. Virgílio Passos (1.º secretário); Joaquim António Nunes (2.º secretário) e Jerónimo Gregório Marcos (tesoureiro), tornando-se extensivas as inscrições a todos os amigos e admiradores dos homenageados, sejam ou não algarvios.

Registrar o mais vivo agrado pelo apoio do sr. presidente da Câmara Municipal de Faro, dr. Luís Gordinho Moreira, à ideia da construção de um Jardim-Escola João de Deus, naquela cidade, e pela oferta do terreno que para o mesmo estabelecimento é feita pelo benemérito farense e presidente honorário da Comissão de Beneficência da «Casa do Algarve», sr. coronel M. Aboim Ascensão de Sande Lemos, à Associação de Jardins-Escolas João de Deus.

Tomar conhecimento da criação, no Porto, de uma Comissão «Pró-Algarve», para tratar, naquela capital, de todos os assuntos que se relacionem com os interesses da Província e dos algarvios ali residentes, oferecendo-lhe todo o apoio e os mais sinceros propósitos de mútua colaboração.

Felicitar os srs. generais António Epifânio Antunes Cabrita e Leonel Aleluia da Costa Lopes, pela sua promoção ao dito posto, e o distinto escultor, sr. Rogério Paletti Berger, secretário da Comissão Cultural da colectividade, pelo seu agraciamento com o oficialato da Ordem da Instrução Pública.

Aprovar a publicação, proposta pela Comissão Cultural, do 4.º volume da colecção «Estudos Algarvios», da autoria do sr. A. Xavier da Fonseca, sob o título «A defesa da economia agrícola algarvia» e com considerações preliminares e finais do economista sr. dr. A. de Sousa Pontes.

FALECIMENTO

Maria José Soares dos Santos

No passado dia 16 do corrente, faleceu, nesta vila, a menina Maria José Soares dos Santos, de dois meses de idade, filha da sr.^a D. Ercília da Rosa Soares dos Santos e do sr. Fernando Fortunato dos Santos, nosso prezado assinante.

Seja económico

Poupe muito dinheiro
PREFIRA A

TIPOGRAFIA SOCORRO

FÁBRICA DE CARIMBOS

As oficinas gráficas que se impõem pela perfeição e esmero dos seus serviços, e equipadas com as mais modernas máquinas automáticas da Indústria Gráfica.

VILA REAL DE STO. ANTÓNIO
Telefone 69 Apartado 3

AGENDA

Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António De 15 a 21 de Março:

Entrados:
OBERHAUSEN, Alemão, de 1.812 ton., com folha de flandres, de Antuérpia.

TERCEIRENSE, Português, de 1.295 ton., de Lisboa, com carga em trânsito.

ZÉ MANEL, Português, de 926 ton., de Lisboa, vazio.

SHELL ONZE, Português, de 358 ton., de Lisboa, com combustíveis líquidos.

JAIME PEREZ, Espanhol, de 58 ton., de Tanger, vazio.

MIRA TERRA, Português, de 562 ton., de Lisboa, vazio.

PRIMERO, Marroquino, de 403 ton., de Port Lyautey, vazio.

Saídos:

OBERHAUSEN, Alemão, para Hamburgo, com conservas e cortiça.

TERCEIRENSE, Português, para Ponta Delgada, com sal.

ZÉ MANEL, Português, para Lisboa, com minério.

SHELL ONZE, Português, para Lisboa, vazio.

JAIME PEREZ, Espanhol, para Ceuta, com vazio ilustrado.

MIRA TERRA, Português, para Lisboa, com minério.

FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 23 a 29 de Março, a Farmácia SILVA, Rua Dr. Miguel Bombarda, Telefone 64.

Quem Perdeu?

Encontram-se depositados no posto da Polícia de Segurança Pública, desta vila, os seguintes objectos, que serão entregues a quem provar pertencer-lhes:

Um molho de chaves, um pregador de fantasia e uma sombrinha de senhora.

PORTO
RAINHA SANTA
ATÉ
OS ANJOS
BEBEM!...



RODRIGUES PINHO & C.
Vila Nova de Gaia

EXCELSIOR
As melhores tintas para navios de pesca e comércio



TINTAS PARA A
CONSTRUÇÃO CIVIL

Depositário nesta Vila:
MANUEL DA SILVA DOMINGUES
Avenida da República
— Telefone 12 —

Clínica de Santo António
(CASA DE SAÚDE E REPOUSO)
sob a Direcção Clínica do
Dr. Albano de Lencastre
Rua Guilherme Gomes Fernandes
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO



DESPORTO

FUTEBOL

Campeonato Nacional da III Divisão (Zona D-8.ª Série)

O Lusitano, derrotando o Aljustrelense na sua própria casa, adquiriu grandes possibilidades de classificação para continuar a disputar o decorrente Campeonato Nacional da III Divisão.

Os encarnados exibiram-se gradavelmente, chegando a atingir bons períodos de jogo. No fim da primeira parte ganhavam já por 2-1, golos marcados por Ludgero e Padesca. Parra, a 20 minutos do recomeço, marcou pela 3.ª vez.

O Lusitano alinhou:

Viegas; Neves, Lopes e Gonçalves; Mendes e Daniel;

Parra, Padesca, Antunes, Travaços e Ludgero.

Outros resultados:

Sambrasense, 5 — Lagos, 1
Sambrasense, 3 — Serpa, 0
Serpa, 8 — S. Domingos 2

CLASSIFICAÇÃO ACTUAL

	J	V	E	D	B	P
F.C. Serpa	8	6	1	1	29	9
Lusitano	8	4	3	1	21	15
Sambras.	8	4	1	3	23	18
S. Doming.	8	2	2	4	22	35
Lagos	8	—	5	3	14	26
Aljustrel.	8	1	2	5	13	19

Jogos para hoje:

Lusitano - S. Domingos
Aljustrelense - Sambrasense
Lagos - Serpa

«VEDETS» DA ACTUALIDADE

BULGANINE & KRUCHTCHEV

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

lhores cargos e obter as maiores honrarias e benesses.

Com a conquista dos postos, as inevitáveis intrigas surgiram e as dissidências e mutações verificaram-se sucessivamente, até que estas duas personagens conseguiram guindar-se à chefia do imenso e poderoso país que é a Rússia.

A actuação política interna e externa de Krutchchev e Bulganine tem sido exuberantemente teatral e con-

traditória e os discursos inflamados, por eles proferidos em diversas ocasiões, nem sempre as mais oportunas, serviram, em alguns casos, para colocar numa momentânea situação embaraçosa os governos dos países que visitaram ou as individualidades que se deslocaram à URSS.

Não será, porém, de espantar que assim suceda quando existe um plano preconcebido que carece de ser executado.

Atrás do sorriso bonacheirão e das atitudes que se destinam a impressionar, impera sempre a hipocrisia e a violência, numa amálgama de conceitos vários e dispares entre si e de heterogéneas decisões.

Veremos até que ponto esta parrelha de funambulos consegue manter-se no cariz que, em letras gritantes e frases bombásticas, anuncia, com a participação das mais categorizadas atracções e vedetas de todas as nacionalidades, todas elas mais ou menos talentosas e com números de sensação, o maior espectáculo do mundo que presentemente se exhibe, em sessões contínuas, neste velho e cansado planeta, que bem precisa de uma paz real, produtiva, construtiva, firme e duradoira, capaz de trazer a prosperidade e tranquilidade por que anseia o comum dos mortais.

Texto e linéoleos de José dos Santos Marques

O «Notícias do Algarve» vende-se em Olhão, na Livraria Capela, Rua do Comércio

ATENÇÃO AO ENSINO PRIMÁRIO

O PROBLEMA DA SUA EXTINÇÃO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

vaneceram-se e o conceito de democracia generalizou-se e ampliou-se. Com a chamada ao poder de compra veio o direito ao voto. A democracia não é apenas uma teoria política ou uma subjectiva aspiração de indivíduos: é uma exigência social e política determinada pelo novo condicionalismo económico que é a intensiva industrialização do nosso século.

Assim é que uma nação, hoje, não se pode confundir mais com um grupo mais ou menos restrito de magnates, mas é, sim, a totalidade dum povo. A totalidade que colabora na produção e que a absorve pelo consumo. E porque é uma totalidade, é que o ensino de base constitui hoje em dia uma preocupação fundamental dos povos, tanto mais quanto têm mais clara consciência de si próprios.

Dai resulta que o ensino obrigatório, na já maioria dos países, não se limita a uma fase elementar de 3 ou 4 anos. E já vulgar abrangem períodos de 8 e 10 anos de duração, formando os jovens entre os 6 e os 16 anos de idade. Ler, escrever e contar não constitui hoje em dia, em nenhum país de adiantada civilização, um mínimo de ensino obrigatório, mas apenas a técnica

Atenção senhores banhistas!...

Foram fixadas as características dos fatos de banho.

Não é permitido o «bikini»

Os homens podem usar só calção, de corte direito e a «trouso» só pode ser usada sob o calção

POR portaria de 28 de Novembro do ano passado, assinada pelos ministros da Presidência, Interior, Marinha e Comunicações, foi nomeada uma comissão para rever a actual regulamentação sobre o uso de fatos de banho nas praias e piscinas do País, a qual foi composta pelos srs. capitão-de-mar-e-guerra Rui Isafas Newton da Fonseca, capitão do Porto de Lisboa, como presidente e representante do Ministério da Marinha; dr. Jorge Felner da Costa, chefe da Repartição de Turismo, Artur Martinho Simões, chefe da 1.ª Repartição da Direcção-Geral da Administração Política e Civil, e major Jaime Fonseca, comandante da Polícia da Administração-Geral do Porto de Lisboa, em representação, respectivamente, do Secretariado Nacional da Informação e dos ministérios do Interior e das Comunicações.

De acordo com o artigo 1.º do Decreto-Lei n.º 31.247, de 5 de Maio de 1941, a comissão propôs superiormente a nova regulamentação, que foi aprovada pelos srs. ministros do Interior e da Marinha e que, para conhecimento público, a seguir se transcreve.

1.º — É proibido o uso de fatos de banho que não obedeçam às condições mínimas oficialmente fixadas nos termos seguintes:

a) Fato para senhoras: O fato de banho para senhoras deve ser inteiro. O calção será justo à perna e de corte direito. A frente do fato deve cobrir a parte anterior do tronco, não podendo o decote ser exagerado a ponto de descobrir os seios. As costas poderão ser decotadas, sem prejuízo do corte das cavas que deve ser cingido às axilas.

b) Fatos para homens: O fato de banho para homens pode ser inteiro, de camisola e calção ou só de calção. Em qualquer dos tipos, o calção deve ser:

1.º — De corte direito; 2.º — Justo à perna; ou 3.º — Usado com «trouso» interna; 4.º — Justo à cintura, cobrindo o ventre.

2.º — Não é permitido o uso de fatos que se tornem imorais pela sua transparência ou pela excessiva elasticidade do tecido.

3.º — As raparigas até aos 10 anos e aos rapazes até 12 não é aplicável o disposto no n.º 1, excepto nos casos de desenvolvimento precoce.

4.º — As infracções ao disposto nos números anteriores são punidas com a multa de 30 a 5.000\$00, de harmonia com o disposto no artigo 3.º do Decreto-Lei n.º 31.247, de 5 de Maio de 1941.

para alcançar o mínimo de conhecimentos.

O ensino de base abrangem não só as noções elementares que preenchem o nosso programa de ensino primário, mas ainda noções gerais de geografia e história, física, química, música e a aprendizagem dum língua estrangeira, além da língua nacional (esta aprendida correctamente). Ainda recentemente, foi a França que nos deu esse maravilhoso exemplo. E as medidas legislativas não se limitaram a decretar a obrigatoriedade e a determinar a extensão, mas ainda a providenciar as medidas convenientes a tornar possível e efectiva essa obrigatoriedade. Assim, o ensino é inteiramente gratuito, e, além de que é gratuito o ensino, são gratuitos também os meios de transporte e tudo o mais que é necessário para que a frequência das escolas, durante o período de 10 anos, se verifique com real aproveitamento.

Com uma formação escolar que, depois das escolas infantis (que entre nós não existem, praticamente), conta com 10 anos de frequência obrigatória, a totalidade dum povo alcança um nível cultural que lhe permite exercer com dignidade a função de cidadania. E tanto alguns povos se empenham neste objectivo, que os professores primários auferem o mesmo ordenado dos professores de ensino secundário, sem qualquer rebaixamento de categoria social ou profissional.

A seguir aos 10 anos de instrução de base obrigatória, só então tem lugar o ensino técnico, profissional, secundário e superior. Naturalmente que o acesso a todos estes graus de ensino tem também um papel fundamental para determinar o nível cultural dum povo. Mas, por mais elevado que seja o nível dum obsoleto chamado Alta Cultura, nunca esta poderá determinar as reais possibilidades culturais dum povo, se a maioria dos que deviam ser os seus cidadãos se basta teoricamente com a triade elementar de saber obrigatório — ler, escrever e contar...

Temos que despertar da nossa profunda letargia cultural. Com um ensino obrigatório que vai só até ao exame do 1.º grau (3.ª classe), as nossas crianças, que não têm possibilidade de acesso a mais estudos, ficam simplesmente ignorantes. E aquelas que logram frequentar os liceus e outros estabelecimentos de ensino, essas mesmas sentir-se-ão numa situação de inferioridade cultural, se for estabelecido o paralelo com o nível alcançado pelas crianças dos outros países.

Ora o mal não está na inferioridade cultural das crianças portuguesas, mas sim nos defeitos da nossa organização escolar, a começar pelo ensino primário.

Encaremos com objectividade o problema — e corajosamente. É de fundamental importância para o futuro da nossa Pátria.

Victor de Sá

COLABORE NA D. C. T.

Compreenda a D. C. T., aprendendo os conhecimentos que ela divulga.

Assine, o «Notícias do Algarve» e contribuirá para o desenvolvimento da Imprensa Algarvia.



CINEMA

Secção orientada por DAVID LOPES

Comentário Cinematográfico

O DESENHO ANIMADO AMERICANO (1)

PELAS suas possibilidades técnicas (que não vamos aqui mencionar), o desenho animado é, sem dúvida, um dos processos particulares da criação do cinema que permite ao homem uma maior liberdade de expressão.

O cinema, na sua forma vulgar, tem explorado bastantes vezes temas irreais e absurdos, mas, apesar disso, essa orientação é condicionada pela realidade material exterior, que a câmara cinematográfica fotografa com uma objectividade fiel. No desenho animado, a câmara relega-se, pode dizer-se, para um segundo plano. É ela, de facto, quem dá o movimento ao desenho, com a sua complexa técnica. Mas é na criação formal do desenho que reside, potencialmente, as ilimitadas possibilidades criadoras da imaginação, que dão ao desenho animado as suas características fantásticas.

Não há regras no seu universo que o subordinem à realidade. Nele tudo pode ser possível (cães e gatos cortados às fatias, que se reúnem milagrosamente; cartuchos de dinamite que surgem do nada, etc.).

No desenho animado do cinema americano visa-se, normalmente, o caricatural fácil. Os seus momentos cómicos resultam das situações absurdas, das contradições flagrantes e da incoerência do seu universo, que explora a imaginação gratuita e obriga o público à aceitação de efeitos fáceis, se bem que engenhosos. É por este caminho da «aceitação fácil» que o desenho animado americano tem enveredado, a partir de Walt Disney, cujas importantes contribuições técnicas, prestadas a esta forma de cinema, são inegáveis. O mesmo não se poderá dizer do processo criador, que é de relativo mau gosto. Em 25 anos, a sua técnica atingiu quase a perfeição. Mas a maneira ingénua de contar as suas histórias, por vezes nitidamente falhada imaginação, mantém-se actualmente. Não evoluiu. Breve, surgiram a fazer concorrência a Disney novos produtores, que lançam no mercado do filme sérios rivais para os populares heróis animados do «mago de Hollywood». A M. G. M. explora as disputas tempestuosas entre o gato Tom e o rato Jerry; a «Universal», o desordeiro picapau Woody; a «Warner Bros.», o calculista coelho Bugs e o oportunista gato Silvestre. E muitos outros, com quem o público está habituado a delirar nas salas escuras.

Ora estas criações de animas superiormente humanizados têm inundado as telas de anarquia, de violências e de sadismo. Se observarmos de perto, veremos que esses heróis do desenho animado fazem abertamente, sem que ninguém lhes peça contas, o que o homem não pode fazer normalmente. Por detrás de um absurdo aparente e de uma simbologia obscura, estas histórias de desenhos animados são um convite à

desordem. Dai a sua grande aceitação pelos adultos, pois encontram nelas um meio de evasão para os seus instintos recalçados. (Para as crianças é que estas histórias não servem. Não sei porque continuam figurando em programas infantis filmes de desenhos não devidamente seleccionados. Isso só dificulta e lança confusão na percepção da criança). É evidente que esta orientação do desenho animado americano é absolutamente escapista, pois afasta-o das suas ricas e inegáveis possibilidades criadoras. Felizmente, reagindo contra ela, surgiram através da U. P. A. (United Production of America) esplêndidas tentativas humanas e de maior riqueza plástica no desenho animado. E será delas que trataremos em seguida.

David Lopes

CONSIDERANDO...

por Candeias Nunes

A já tão estafada disputa entre «arte pela arte» e «arte social», a arte servente de especulações metafísicas e a arte que suga aos peitos da vida o alimento de que se nutre, tem pleno cabimento nos quadros da discussão estética do cinema.

Não falta quem advogue a causa do cinema abstracto, a decomposição pura da imagem nos seus elementos rítmicos e plásticos. «Le Ballet Mécanique» do pintor cubista Fernand Léger poderá ser apontado talvez como o exemplo mais puro (pelo menos mais clássico) deste cinema. Desmontando os objectos comuns em aspectos absolutamente novos e desconhecidos, Léger abre caminho a uma realidade quotidiana muito mais rica e de um redobrado interesse, mas abstracta.

Não é, porém, altura do cinema enveredar pelo caminho do abstraccionismo. Mais que a tais especulações científicas e estéticas, interessa ao cinema dos nossos dias o tratamento de problemas imediatos que exigem solução. Enquanto houver tais problemas a equacionar, o cinema não pode furtar-se ao peso das suas responsabilidades de arte caracteristicamente social, não pode libertar-se da sua tarefa documental, nem parar a narração da epopeia humana em todos os aspectos.

Assim o compreenderam os italianos do após guerra, com De Sica, Rossellini e tantos outros; os mexicanos, com Emilio Fernandez elevado a superior altura; os americanos de agora, com meia dúzia de realizadores conscientes; os franceses e muitos mais que fizeram do cinema aquilo que ele é hoje — uma poderosa linguagem colocada ao serviço das legítimas aspirações do homem.

A tiragem e a expansão do «Notícias do Algarve» justificam a preferência dos seus anunciantes e oferecem segura garantia dum útil e proveitosa publicidade.

ETELBERTO - Cabelleiro



Participa a todas as Ex.ªs Senhoras que executa os mais actualizados penteados pela técnica mais moderna

Permanentes a frio, Quentes e Mornas

Tintas, Mises, Cortes, etc.

Óleos quimicamente preparados em novas fórmulas

Desfriza cabelos encarapinhados

Salão LAUREA

RUA D. PEDRO V, N.º 5-1.º VILA REAL DE SANTO ANTONIO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

sociais, económicos, culturais, etc. A História tem a sua força — mais do que a dos homens; o amor, mesmo adormecido, mercê de circunstâncias várias, quando regressa, é mais forte, mais vivo do que antes. O que une Portugal ao Brasil é esse amor, expresso por múltiplas formas e admiravelmente, não há muito, pelas palavras exactas de um Alvaro Lins e de um Donatelo Grieco e de um George Avelino. Amor que assume aspectos transcendentais, que é capaz de levar um homem a lutar e uma Nação a tomar uma posição honrada como a tomou o Brasil na ONU, na questão da Índia Portuguesa. Amor afirmado, mantido e reafirmado e exaltado sempre por tantas personalidades brasileiras por nós ouvidas, desde Getúlio Vargas, Café Filho, Juscelino Kubitschek de Oliveira, João Goulart, etc., até às mais representativas figuras da política, do jornalismo, da literatura, da advocacia, da medicina, da arte, etc.

O Brasil, que já recebeu António José de Almeida e nele afirmou o seu respeito e afecto a Portugal; Portugal, que já recebeu dois ou três presidentes do Brasil e através deles soube, honradamente também, exaltar nessas personalidades a grandeza do Brasil e do seu povo — estes dois povos que têm caminhado juntos, apesar de separados pelo Atlântico, são um exemplo para o mundo inteiro e nesse exemplo, outro maior perante as nações jovens, de ideias revolucionárias e injustas: o do valor da expressão criadora de Portugal.

A presença no Brasil do presidente Craveiro Lopes será, por isso, mais do que uma homenagem afectuosa ao Brasil — uma honra para Portugal, a honra de manifestar à grande nação brasileira a gratidão do povo português pela fidelidade do Brasil a Portugal e pelo que Portugal lhe deve de solidariedade fraternal, nas suas horas difíceis.

GOVERNADOR CIVIL DE FARO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

dos os algarvios. Falaram, seguidamente, os srs. dr. Luís Gordinho Moreira, presidente da Câmara Municipal de Faro, que, disse, por estar, nessa qualidade, mais indicado para fazê-lo, saudou o novo chefe do Distrito em nome de todos os municípios do Algarve, e o dr. Henrique Balté, vice-presidente da comissão distrital da União Nacional, que, por motivo de doença do respectivo presidente sr. dr. José Correia do Nascimento, apresentou ao sr. dr. Baptista Coelho os cumprimentos do organismo que representava, garantindo-lhe franca e entusiástica cooperação.

No seu discurso de agradecimento, o sr. dr. Baptista Coelho, depois de distinguir os oradores antecedentes com palavras de muita amizade e simpatia, afirmou que lhe era particularmente grato o exercício das suas novas funções pelas possibilidades que lhe davam de poder servir a Província onde nasceu e onde contava sólidas amizades, dessas que só se conquistam nos bancos da

Noticias do Algarve

SEMANARIO REGIONALISTA

Director

João A. Dias Pena

Editor e Proprietário

Armando R. Cruz

Acerca de uma palestra do sr. Antero Nobre

A CÉSAR O QUE É DE CÉSAR

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

Jerónimo Marcos, segundo nos contaram, achou a ideia muito interessante, mas torceu o nariz, em sinal de descrença. Segundo ele, só um homem poderia levar a empresa a bom êxito. Esse homem era o major Mateus Moreno, que, parece, se encontrava em África.

Mas Joaquim Nunes continuou sonhando na Casa que pretendia fundar. E, sem romper o contacto com Marcos, escreveu ao sr. Manuel Viegas Guerreiro, perguntando-lhe se em Faro haveria ambiente favorável à iniciativa. A resposta veio pronta: Na capital do Algarve os ares estavam frios demais. Não havia entusiasmo, nem o mais pequeno interesse pela criação, em Lisboa, dum organismo, fosse ele qual fosse, representativo da nossa província.

Por este tempo, Luís Bonifácio rompeu com uma campanha nos jornais, publicando no «Povo Algarvio», de 10 de Junho de 1945, um artigo subordinado ao título: «Porque não se organiza uma Casa do Algarve?»

Na semana seguinte, o mesmo semanário anunciou uma série de entrevistas; e, na sua edição de 8 de Julho, inseriu um depoimento interessante do dr. Alberto Iria. Depois... a questão morreu, de novo. Só em 25 de Agosto de 1945 é que Luís Bonifácio voltou a dar-lhe alento, em artigo publicado na «Voz do Sul», que abriu uma série de outros artigos, todos tendentes a demoverem a apatia dos algarvios.

Em 8 de Setembro, ainda na «Voz do Sul», manifestaram-se a favor da iniciativa de Luís Bonifácio o dr. António Cabreira e o dr. Alberto Iria. Em 15 do mesmo mês, surgiram os depoimentos de Soeiro da Costa e D. Mariana Machado Santos, e em 29 a opinião, também bastante animadora, do dr. Virgílio de Passos. Em cartas sucessivas, começaram a dar-se sucessivas adesões. Porém, ao contrário daquilo que o sr. Antero Nobre afirmou na sua última palestra, muitas delas vinham pejudicadas de queixas contra o que fora a primitiva Casa do Algarve!!

Queixas? Talvez mais do que isso, sr. Antero Nobre! O «facho luminoso» da outra Casa tornou-se, mesmo, um empecilho para a Casa que se pretendia fundar. As censuras eram de tal ordem que Luís Bonifácio, na «Voz do Sul» de 27 de Outubro de 1945, foi obrigado a escrever:

«Continuamos a receber as mais diversas cartas, as quais nem todas podemos publicar, visto que vão incidir sobre esta ou aquela pessoa que já fez parte da extinta Casa do Algarve. Queremos novas ideias, sem mesquinhos assuntos, sem intrigas e outras coisas mais que não são necessárias à futura Casa do Algarve».

Esta firme determinação de negar a publicidade aos clamores que se levantavam prova as nobres intenções de Luís Bonifácio. Queremos ideias novas — dizia ele. E, de facto, era a ideia dum organismo novo, isento de velhos vícios, que fazia com que a massa anónima dos algarvios correspondesse à campanha da «Voz do Sul». Abraçando essa mesma ideia, Joaquim António Nunes veio a público («Voz do Sul», de 3 de Novembro de 1945) lembrar a necessidade de se abrirem listas para a inscrição de sócios e, simultaneamente, enviou uma carta a Luís Bonifácio (publicada na «Voz do Sul», de 17 de Novembro de 1945), pondo à disposição deste novos elementos e prometendo-lhe o seu apoio incondicional.

Após rápida correspondência, Nunes veio a encontrar-se com Bonifácio, no «Café Chiado», e a iniciativa entrou no campo das concretizações. Nessa troca de impressões que os dois tiveram, ficou assente fazerem-se umas listas, em papel de 35 linhas, que em breve foram distribuídas a aqueles algarvios mais entusiastas e mais prestáveis para mendigarem assinaturas.

Uma dessas listas esteve na «Argentina», da Rua 1.ª de Dezembro, porquanto a ideia que germinava era popular... alheia a qualquer espírito de castas... algarvia 100%.

Entretanto, o facho radioso da defunta Casa continuava ainda a surgir como um empecilho! Na primeira quinzena de Novembro, A. S. de Sousa aderiu ao movimento, mas... dizia ele: «Todavia, espero que se não torne a dar o que da outra vez sucedeu. Ninguém se entendeu nessa organização. As más compreensões e a falta de lealdade prejudicaram bastante todos aqueles que com gosto e sem interesse fundaram a Casa Regional».

Isto, sr. Antero Nobre, está escrito na «Voz do Sul», de 17 de Novembro de 1945. E o sr. a julgar que não!... E o sr. a dizer-nos que a chama que arde na Rua Capelo é a resultante da cinza que já fora chama na outra Casa! Como vê, A. S. de Sousa não navega nos seus romantismos e... até nos fala em deslealdades que originaram atropelos. Para não fugir à regra antiga, a palestra do sr. Nobre foi também um atropelo, posto passou em silêncio toda a acção da gente humilde, despida de títulos académicos, que ergueu, com vontade inquebrantável, os alicerces da obra que aí está feita.

Para a semana há mais! Ainda bondam muitas coisas interessantes para se dizerem. A precisão ainda vai na praça e... só quando ela chegar ao adro temos destruída a lenda principal... a grande lenda que, como não podia deixar de ser, também foi mencionada na memorável palestra do sr. Antero Nobre.

tado Novo e seus dirigentes, de afirmação clara e pública dos princípios representados pela trilogia — base da nossa actuação política — Deus, Pátria e Família. Ouso afirmar que, quando de novo for mister disso, os algarvios não deixarão de afirmar mais uma vez, firmemente, patrioticamente: Presentes».

O sr. dr. Baptista Coelho foi, seguidamente, cumprimentado pela numerosíssima assistência.

UMA CRÓNICA POR SEMANA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

— que quase sempre nem como tal têm qualquer valor.

Aqui vão as justas palavras de Eugénio Vasconcelos:

Pequena Imprensa

«Com a visita a Portugal de Sua Majestade a Rainha Isabel II de Inglaterra, mais uma vez foi posto em evidência o menosprezo com que as entidades oficiais olham para a que, depreciativamente, classificam de «pequena imprensa», englobando nesta classificação todos os que não sejam potentes de publicidade da mais variada espécie.

Sucedo, porém, que a tal «pequena imprensa» tem tantos interesses legítimos a defender como a «grande», ou melhor, tem os mesmos, pois se os capitais investidos na primeira são aparentemente diminutos, estão directamente proporcionados aos ambientes que servem e o mais interessante, inversamente proporcionais aos lucros auferidos, que na pequena imprensa são na maioria dos casos inexistentes, enquanto que na «grande» é o que toda a gente sabe...

Nisto de «grande» e «pequena» imprensa eu vejo apenas uma questão de formato do jornal e de lucros. Quanto ao resto, nada distinguo, pois tanto a uma como a outra cabe a mesma função — informar e orientar a opinião pública e ser o porta-voz desta até às esferas responsáveis pela governação do País — e nesta missão, vejo mesmo na imprensa regional uma acção mais profunda, embora mais restrita, mas também mais directa, mais terra a terra com os seus leitores, tocando os assuntos que mais de perto lhes dizem respeito, que mais directamente lhes interessam e informando-os do que se passa à sua volta. Quanto a este capítulo, todos nós, os que andamos pela província, sabemos que a «grande imprensa» limitando-se quase exclusivamente à transcrição dos noticiários das agências telegráficas estrangeiras nos informa melhor do que se passa na Cochinchina do que aquilo que se passa na própria cidade onde se publica e no próprio País. A reportagem só existe teoricamente e o redactor faz o seu serviço mais com a tesoura e o frasco da cola do que com o seu talento e a sua pena.

A «grande imprensa», desinteressando-se dos problemas nacionais, não os discutindo nem os aclarando, pelo contrário, envolvendo-os numa dourada pílula oratória e laudatória que apenas os obscurece e os torna mais confusos às grandes massas e até aos iniciados, pílula que apenas tem o mérito ou demérito de iludir os responsáveis pela sua solução com os louvores pré-fabricados, a «grande imprensa» dizia, perdeu, salvo raríssimas excepções, a confiança do público, que a compra mais por hábito veterado do que para a ler. Por este desinteresse que ela sente no público, resolveu enveredar pelas histórias de polícias e ladrões e pelas mirabolantes aventuras de espionagem, que apenas alimentam a curiosidade mórbida de um número muito restrito de leitores.

Esta distinção oficial entre a imprensa das capitais e a das cidades provincianas é injusta e merece ser abolida, pois nada a justifica, nem mesmo a tiragem. Se qualquer desses órgãos da «grande imprensa» deixasse de ser publicado em Lisboa, e não falo no Porto, porque essa cidade tem, de facto, uma «grande imprensa» em toda a acepção do termo, não teria mais importância que qualquer jornal da «pequena imprensa», pois a sua tiragem é, mesmo em Lisboa, menor do que a de qualquer jornal provinciano.

Lisboa tem um milhão de habitantes e o meu cômputo da tiragem total de todos os matutinos diários é de cerca de 200.000 exemplares. Isto quer dizer, mesmo abstraindo dos exemplares que são enviados para as províncias (cerca de 20%) que há em Lisboa um jornal para cada cinco habitantes.

A tiragem média de um jornal de província, para uma povoação de cerca de 10.000 habitantes, é de dois mil e quinhentos exemplares, o que quer dizer, que há um jornal para cada quatro habitantes. A diferença parece mínima, mas se tivermos em conta a percentagem de analfabetos existente entre cada dez mil habitantes provincianos, aquela avulta-se a favor da chamada tão injustamente «pe-

Os problemas da nossa Província

ALGARVE MARAVILHOSO?

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

tonalidades das amendoieiras em flor, poema da Natureza, sempre renovado e sempre belo, naquela sequência maravilhosa de maravilhosas noivas, em caminhada álcara para o tálamo do sol, que as inunda, ou naquele rosa-creme-mate das damas de honor, venustas e perfumadas, frescas e garridas como as princesas da neve. De qualquer ângulo que as aprecie, ser-lhe-ão sempre belas. E se o sol, coado pela neblina matinal, não sorveu ainda as gotículas que o orvalho nelas deixou, então o turista, guloso de sensações novas, ficará saciado quando o astro-rei ganhar alentos, perfurar o tecto de névoa e espalhar nas ridentes flores a luz que lhes arrancará revêrberos de brilhantinas, de lantejoilas, de pedras preciosas. Luz e cor a rodos, numa orquestração de arco-iris como nunca se viu. Saciado, o turista não terá mais olhos para contemplar o verde-mar das searas, o sorriso fresco e sadio das moças algarvias, os jardins que são as casas campestres, os pomares ridentes, onde a fruta sazona já, nem as matas de acácias perfumadas, oferecendo a tentação dos seus ramos de sol-poente. Locupletado de visões maravilhosas, não palmilhará o carreiro que o leve ao mar, não se debruçará nas faldeas que o acompanham como rasgados miradouros, nem verá as velas brancas, singrando o azul na faina da pesca, nem o revolutear doído das doídas gaiotas, nem a espuma saltitante, nem ouvirá a sinfonia das praias, onde o peixe de prata se espoja na areia fina à hora das merças. Não descansará nas dunas sedosas e ondulantes, e ficará quedo, extático e sonhador, olhando apenas as noivas do inverno, numa corte muda, platónica, imensa.

Mas se o nosso amigo for um espírito investigador, amante das coisas do passado, e quiser carrear de materiais seu cadáver de roteiro, terá neste Algarve de sol com que fazê-lo. Basta percorrer castelos, igrejas, palácios, arcadas e encontrará obras de arte tão belas como as mais belas do nosso País. Para onde quer que caminhe, em todos os recantos desta província de sonho, renovará as sensações ao contacto de novos motivos: pórticos de várias épocas e escolas onde as mãos artistas dos alvenis fizeram rendilhados da pedra bruta, açoteias de sabor agareno, obras de talha das mais artísticas, azulejos riquíssimos, painéis e frescos e vitrais de imponente feitura, quadros dos melhores mestres, antas, dolmens e monumentos de eras remotas, necrópoles, museus, etc., e, ainda, essas encantadoras fantasias que são as chaminés do Algarve.

E ainda que o peregrino senhor não seja de qualidade de se impressionar com todas estas maravilhas, preferindo o cosmopolitismo dos locais de diversão, todo o litoral algarvio lhe ofertará as suas lindas praias, onde, a par de um clima benigno, há as mais finas areias e os melhores panoramas da costa portuguesa, além de excepcionais pesqueiros com espécies mais saborosas.

Província privilegiada pela Na-
quena imprensa», e se a este facto acrescentarmos outro de não menor importância, que é o do jornal da província ser lido em muitas associações (casas do povo, sociedades de recreio, grupos desportivos, etc.), por massas de frequentadores que, tendo-o à sua disposição gratuitamente, não o compram, chegamos à conclusão desvanecedora de que um jornal da província só não é lido, na povoação onde se publica ou no âmbito que serve, por aqueles que de facto não sabem ler.

Poderá a chamada «grande imprensa» orgulhar-se do mesmo? Parece-me que não!

A viagem da Rainha de Inglaterra a Portugal foi um facto que ultrapassou em muito as simples relações protocolares. Todos nós sentimos, mesmo sem imaginarmos o seu êxito, a sua transcendente importância. Toda a imprensa — grande e pequena — lhe quis dar o realce que a própria intuição nacional exigia. As dificuldades que foram criadas a uma e a outra, mas especialmente à «pequena», que se viu completamente inibida de efectuar uma reportagem completa deste acontecimento verdadeiramente histórico, devem ser únicas na história do jornalismo mundial.

tureza, é, também, rica de folclore, o qual, para o turista, actua como um sedativo à loucura musical dos tempos modernos, demasiadamente tonitroante e desarmónica, em nada comparável com a leveza e a graça dos cantares algarvios a som dos acordeões.

Algarve maravilhoso? Sim! Pelo menos, nos aspectos que vimos mostrando. Pena é que nem tudo seja oiro neste velho reino, e que muito haja ainda a corrigir para que os próprios turistas que nos visitam sejam os melhores cartazes da nossa propaganda e não abalarem, descontentes e desiludidos, clamando contra alguns senões que roubam à nossa província o encanto e a graça senhoril com que a Natureza a dotou. Não nos bonda o espaço para os apontar. Mas bastará que, ao acaso, citeiros alguns: a confrangedora falta de pavimentações em várias artérias algarvias, que, nesta quadra do ano, atreita a intermitentes chuvadas, se transformam em caudalosos lagos, onde o peão patina em verdadeiros riques de lodo e onde o carro do turista fica atolado; o estado de conservação de muitos edifícios, alguns dos quais, infelizmente, onde se encontram instaladas repartições oficiais, edifícios que de há muito desafiam a estabilidade da torre de Pisa, moles pardacentas, sem cor e sem estética; o estado calamitoso de algumas estradas municipais, de algumas azinhagas e carreiros, esburacados, sinuosos, íngremes, arenosos, estreitos, que são verdadeiros atentados à vida dos automobilistas; a impraticabilidade das pontes velhas, que foram abertas consoante os caprichos e as necessidades momentâneas dos nossos avoengos, e que têm de servir para o enlouquecedor trânsito dos nossos dias. Está neste caso a ponte romana sobre o Gilão e a pequena, retorcida e estreita ponte antiga sobre a ribeira do Almagre, que além de obrigar os automobilistas a manobras arriscadas, os obriga ainda a um desvio de alguns quilómetros por estrada de mau piso, com as consequentes demoras, transtornos e acréscimo de consumo de carburantes. Entretanto, a outra ponte, sobre a mesma ribeira, aguarda uma fatalidade na irmã romana para ver solucionado o seu caso, que se arrasta há tanto tempo.

Fala-se muito de turismo algarvio e cantam-se em diversos tons as belezas do nosso preguiçoso Algarve. Nada mais lógico e humano, porque ele bem o merece. Porém, esconder os senões sob o manto do silêncio é trair a verdadeira finalidade do turismo, é enganar o turista e forçá-lo ao que não deseja. Será que poderemos, com a maior sinceridade, gritar que temos bons hotéis, casinos, pousadas, pensões e restaurantes, que, a par de uma cozinha de sabor regionalista, aliem o conforto, o asseio, o sossego, a impecabilidade do serviço, a lhanura no trato, a parcimónia nas listas e o desafio para alojarem os que nos visitam? Oxalá que sim. Há, no entanto, uma particularidade do algarvio que se me antolha difícil de extripar: o tremendo apego à esportula — porque tudo se paga caro neste Algarve das flores. Caro... e com dez por cento para o serviço... pernoitando-se, depois, em quartos particulares, alugados à última hora, sem um mínimo de limpeza e comodidades e onde se perdem, num sono cortado de estremeções, todos os encantos carreados durante o dia, quando não se dá o inverso. Foi o que sucedeu pelo Entrudo, com a afluência de turistas e excursionistas de todo o País, desejosos de assistirem aos interessantes festejos carnavalescos de Loulé e desejosos de gozarem o panorama belo dos campos em flor, mas que só viram lama.

Algarve maravilhoso e turístico? Certamente, se, para isso, roubarmos à paisagem os senões que a conspurcam, se o lavarmos e o vestirmos com roupa nova.

Manuel José do Carmo

Visado pela Comissão de Censura

COLABORE NA D. C. T.

Inscrevendo-se voluntariamente, sem qualquer penhor da vossa independência de ideias, além das que representam os mais puros sentimentos patrióticos.